

## Porque Hamburgo não deve perder o filósofo Cassirer

### *Why Hamburg should not lose the philosopher Cassirer*

Serzenando Vieira Neto<sup>1</sup>

#### **Resumo**

Em junho de 1928, Aby Warburg publica no *Hamburger Fremdenblatt* uma obstinada defesa da permanência do filósofo Ernst Cassirer na cidade de Hamburgo. O texto, que representa um rico documento para o estudo da biografia de Warburg, é também um testemunho vivo da importância de Cassirer para o aprimoramento do estudo da imagem a partir da concepção do símbolo como substrato geral da expressão humana.

**Palavras-chave:** Aby Warburg; Ernst Cassirer; Historiografia da Arte; História das Ideias; Hamburgo.

#### **Abstract**

In June 1928, Aby Warburg published in the *Hamburger Fremdenblatt* an obstinate defense for the permanence of the philosopher Ernst Cassirer in Hamburg. The text is not only a rich document for studying Warburg's biography, but it is also a living testimony of Cassirer's importance for the improvement of the study of the image through the conception of the symbol as a general substrate of human expression.

**Keywords:** Aby Warburg; Ernst Cassirer; Art Historiography; History of Ideas; Hamburg.

---

<sup>1</sup> Doutor em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: savieiraneto@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8704-5724>

## Apresentação

Alguns meses antes de sua morte, Aby Warburg (1866–1929) relata como sua trajetória intelectual se encontra, na peculiar dualidade que se apresentava em *Spaccio de la Besta Trionfante* de Giordano Bruno, com o repertório conceitual de seu amigo Ernst Cassirer (1874–1945). Empregando uma belíssima metáfora, Warburg fala sobre a “encruzilhada, na qual o experimento do pensador do puro pensamento encontra de forma precisa o do historiador da pura irracionalidade” (Warburg, 2021, v.1, p. 743).

A fortuita interlocução entre esses dois estudiosos remete aos princípios da década de 1920. Como sabemos, Cassirer só tomou conhecimento da existência de Warburg e de sua biblioteca depois de sua nomeação para a cátedra de filosofia da Universidade de Hamburgo, em 1919 (Cassirer, 2003, p. 125). O curto período de convivência, entretanto, não ofusca a relevância biográfica dessa relação, tampouco sua importância para a história das ideias. Como Cassirer relembra em certa ocasião, sua amizade com Warburg é um daqueles raros casos em que ocorre uma afinidade imediata, um mútuo entendimento (Cassirer, 2004, p. 370).

De fato, as conjunções e desdobramentos que se apresentam a partir dessa relação são decisivas; da inserção e atuação de Cassirer na comunidade da Biblioteca Warburg de Ciências da Cultura até a influência dessa instituição na construção de sua obra-prima, a “Filosofia das formas simbólicas”. Aqui, no entanto, nosso interesse não recai sobre as ricas reflexões filosófico-conceituais que derivam desse episódio da história intelectual. Direcionamo-nos tão somente a um evento pontual, que revela a concatenação e complementaridade entre as pesquisas desses dois estudiosos.

O episódio a que nos referimos é a “disputa por Cassirer”, que começa a tomar forma em maio de 1928, alcançando seu ponto auge com a publicação do texto “Porque Hamburgo não deve perder o filósofo Cassirer”.

No âmbito da disputa encontra-se o convite para a cátedra de filosofia da Universidade de Frankfurt<sup>2</sup>. O convite fazia parte do projeto do decano da universidade, Kurt Riezler, de atrair para a instituição um grupo de promissores intelectuais. No geral, a empreitada foi bem-sucedida, conseguindo angariar notáveis estudiosos, como Ernst Kantorowicz, Adolph Lowe, Karl Mannheim, Paul Tillich, Max Wertheimer. Caso aceitasse, Cassirer daria um

---

2 As universidades de Bonn e Berlim também mostraram interesse por Cassirer (McEwan, 2004, p. 74).

importante passo na evolução de sua carreira. Entretanto, ao mesmo tempo, deixaria para trás um pujante ambiente intelectual.

As memórias da viúva Toni Cassirer registram os meandros desse episódio e as incertezas envolvendo a decisão. Durante algumas semanas acontece uma verdadeira disputa em torno do nome do filósofo (Cassirer, 2003, p. 170 et seq.). Prontamente, Warburg se colocou como um ferrenho defensor de sua permanência em Hamburgo. Em 30 de maio ele escreve nos diários de sua biblioteca sobre o risco de “perder” o amigo. Para Warburg, ele e Cassirer possuíam uma harmonia muito produtiva, uma espécie de unidade laboral: “Nós dois juntos seríamos uma unidade superior; devo tê-lo aqui por pelo menos cinco anos” (Warburg, 2001, p. 263). Como a cidade manteria um de seus mais proeminentes professores? “O que Hamburg poderia fazer por ele?” (Warburg, 2001, p. 263) Warburg gostaria de ver Cassirer desempenhando um papel de destaque na política municipal. Apesar do estilo discreto e da relutância do amigo em assumir qualquer posição que implicasse em maior exposição, ele estava convicto de que o filósofo deveria se tornar o reitor da universidade: “[Cassirer] deveria ser reitor no ano de Lessing!” (Warburg, 2001, p. 263)<sup>3</sup>.

Poucos dias mais tarde, Warburg volta a registrar alguns detalhes da disputa em torno do nome do filósofo, desta vez, criticando a hesitação do amigo: “Ambos os Cassirers têm a opinião absolutamente errônea de que nossas relações permaneceriam igualmente frutíferas mesmo se ele não estivesse aqui” (Warburg, 2001, p. 271). Outro problema que se colocava para Warburg era a debandada de eminentes estudantes, o que poderia implicar em uma perda ainda maior para sua biblioteca: “Se Wind e Solmitz forem com Cassirer para Frankfurt, o crescimento da Biblioteca Warburg terá um prejuízo irreparável” (Warburg, 2001, p. 271). Em 13 de junho, em carta ao seu irmão Max, Aby Warburg reforça a necessidade de uma intervenção efetiva na política municipal para que pudessem “mantê-lo aqui a todo custo” (Warburg, 2021, v. 1, p. 712). Warburg estava convencido de que os fundamentos teóricos do seu pensamento se vinculavam umbilicalmente ao programa de Cassirer. A propulsão fundamental do seu projeto, isto é, o estudo do elemento simbólico, reforçava-se a partir desse intercâmbio: “O ato fundamental de meu senso de vocação científica, a vontade de conhecer o simbólico, recebeu um impulso modelar de Cassirer” (Warburg, 2021, v. 1, p. 713).

3 Warburg se refere ao ano do bicentenário do nascimento de Lessing (1929).

O episódio ultrapassa o âmbito das missivas quando Warburg defende publicamente que Hamburgo deveria se utilizar de todos os meios possíveis para manter Cassirer. O artigo publicado no periódico *Hamburger Fremdenblatt* em 23 de junho de 1928 discorre sobre a política universitária, o papel da jovem instituição na cidade hanseática, o significado do filósofo e sua relação com a Biblioteca Warburg de Ciências da Cultura. Em seu texto, Warburg destaca o alinhamento de Cassirer à tradição intelectual alemã e indica algumas de suas principais contribuições filosóficas, como a construção de uma nova filosofia baseada no conceito de símbolo e sua visão abrangente das ciências humanas.

Após a publicação do texto no *Hamburger Fremdenblatt*, Kurt Riezler envia uma carta a Warburg reiterando as vantagens que a mudança de atmosfera traria para a atuação e produção de Cassirer, isso porque a Universidade de Frankfurt ofereceria um ambiente propício para uma nova fase de seu trabalho (Cassirer, 2003, p. 171). Em sua resposta ao decano, Warburg enfatiza que a transferência significava uma perda definitiva, já que o filósofo dificilmente retornaria a Hamburgo (Warburg, 2021, v. 1, p. 716-717).

A insistência de Warburg teve efeito. Em 10 de julho de 1928, em carta ao seu amigo Kurt Goldstein, Cassirer revela como a relação com Warburg pesava a favor de sua permanência em Hamburgo. Apesar da tentadora proposta de Kurt Riezler, sua relação com o “historiador da pura irracionalidade” era demasiadamente relevante para que ele arriscasse qualquer afastamento abrupto (Cassirer, p. 107-108). Com isso, Cassirer opta por permanecer em Hamburgo, dando uma prova cabal de seu apreço não só por Warburg, mas também pela cidade hanseática: “Tudo foi feito da parte dos amigos, da universidade e das autoridades municipais, tornando para mim a separação algo quase impossível” (Cassirer, 2009, p. 108).

Um ano mais tarde, em 26 de julho 1929, Cassirer foi escolhido como reitor da universidade<sup>4</sup>. Esse ato consolida de forma memorável e simbólica as reivindicações e o projeto de Warburg: Cassirer, o primeiro e único judeu a assumir a reitoria de uma universidade alemã durante a República de Weimar.

---

4 Cassirer ocupou o cargo entre 1 de outubro de 1929 e 1 de outubro de 1930.

## Porque Hamburgo não deve perder o filósofo Cassirer<sup>5</sup>

“O professor catedrático de filosofia da Universidade de Hamburgo, o Prof. Dr. Ernst Cassirer, recebeu um convite para a cátedra da Universidade de Frankfurt”.

Essa fórmula, comum nas nomeações, no máximo evocará a ideia em muitos leitores instruídos de que dois professores estão na iminência de enfrentar as inconveniências da mudança e da falta de moradia: o que se vai e aquele que o substituirá.

A forma de encarar a vida deixada pela guerra favorece um modo tão confortável de ver as coisas; o inexorável: “cai o homem da frente”, que não deveria perguntar até que ponto o substituto está à altura de sua tarefa, ecoa meio inconscientemente.

Não estamos mais em tempos de guerra. Tanto mais temos a obrigação de cultivar com a mais imperativa diligência o solo real e espiritual da Alemanha, que permaneceu de pé porque foi protegido por uma muralha de incontáveis soldados mortos em batalha.

A criação da Universidade de Hamburgo depois da guerra era e é um sintoma da vontade de ressurgir através da atividade intelectual, cuja fonte de energia nenhum tratado de Versailles pôde enterrar. A reviravolta da política interna na Alemanha deve ao menos contabilizar isto como um privilégio, que alguém como Ernst Cassirer recebeu por meio da Universidade de Hamburgo aquela responsabilidade de liderança que ele, há muito, tinha direito<sup>6</sup>.

Professores e estudantes da faculdade de filosofia, na medida em que são guiados pela busca desinteressada pela verdade, sabem o que esse filósofo significa para Hamburgo. Ele não é apenas um fiel administrador do patrimônio dos grandes pensadores alemães – Leibniz, Kant, Goethe, Hegel –, mas também ousou a ser o primeiro a, através do emprego de todo instrumental conceitual capaz de dissociar, definir a essência do símbolo como substrato de uma filosofia geral que o obrigava a lançar um olhar conjunto sobre as sequências de fatos quase inextricáveis das áreas que configuram a vida religiosa, social, linguística e artística no presente e no passado como função de uma unidade suprapessoal.

5 O texto, originalmente publicado em 1928, foi republicado na coletânea *Werke in einem Band* (Warburg, 2010, p. 700-703).

6 Em virtude de sua ascendência judaica, Cassirer permaneceu por longos anos em postos acadêmicos de pouco destaque. Foi na Universidade de Hamburgo que ele ocupou sua primeira cátedra, precisamente, vinte anos após o seu doutoramento (1899). [Nota do Tradutor]

Em sua “Filosofia das formas simbólicas” o problema é compreendido em traços grandes e claros; em estudos particulares como “Forma conceitual no pensamento mítico” (1922), “Linguagem e mito” (1925), “Indivíduo e cosmo na filosofia do Renascimento” (1927), esse problema primordial da atribuição de causas simbólicas é tratado de forma complementar e ampliada. Esses últimos estudos surgiram em conexão estreita com a Biblioteca Warburg de Ciências da Cultura, que se propôs a investigar o problema do simbólico a partir de outro ângulo.

Não resta a menor dúvida, para todos os que participam das tentativas de avanço desse instituto, de que a partida de Cassirer prejudicaria da forma mais sensível esse jovem órgão em seu subsequente desenvolvimento. Isso sem falar do estímulo concedido à biblioteca através de sua autoridade e presença imediata. Aqueles estudantes, que agora vêm a Hamburgo e querem aprofundar as raízes de sua pesquisa no duplo terreno do poder da diferenciação conceitual e da recepção crítico-visual do elemento pictórico, sofreriam com sua saída. Se se pode esperar que a próxima geração esteja preparada para apreender a lógica conceitual e a atribuição imaginativa de causas como função de *uma* capacidade de orientação unitária; essa esperança por si só ancoraria a reivindicação incondicional de que professor Cassirer permaneça em seu posto no Norte.

De fato, as musas conferem uma recompensa aos que se dedicam sem reserva ao seu serviço, uma forma maravilhosa de provisão para a velhice: um confiável administrador de ideias é capaz de contrapor o transitório com a vontade e a capacidade de crescimento interior atemporal.

Se o professor Cassirer partisse porque tivesse mesmo que acreditar que encontraria um ambiente mais amplo e compreensivo em Frankfurt, nenhum colega de profissão o culparia pessoalmente, mas avaliaria se Hamburgo poderia mostrar de maneira crível ao nosso professor que também a universidade hanseática precisa dele como um importante órgão vital e como um dirigente, cujo desenvolvimento pessoal significaria também um inestimável fortalecimento da própria ideia universitária. É certo que a universidade e as autoridades do ensino superior mostram e mostrarão, desde já, de todas as maneiras, que não querem perdê-lo sob nenhuma circunstância. Entretanto, no tocante a essa questão, os vários círculos de letrados deveriam perceber internamente de maneira clara aquilo que deve fazer falta aos professores oriundos das antigas cidades universitárias: o regozijo geral,

primitivo ou educacionalmente consciente da universidade. Somente se a cidade-estado de Hamburgo perceber e dignificar a universidade em todas as direções como um órgão recém-desenvolvido do entendimento, não apenas do restante da Alemanha, mas de todo o mundo que pensa, escreve e fala, haverá um terreno seguro no qual a construção da universidade não apenas padece, mas também se cultiva com um alegre sentido de responsabilidade: toda demanda que se justifica por um desenvolvimento adicional e de bom estilo não se passaria, de antemão, por uma exigência desagradável. Do contrário, por exemplo, a universidade já teria, há muito tempo, como ela mesmo deseja, preenchido as cátedras de arqueologia e musicologia, cuja ausência representa uma anormalidade, prejudicando previamente a reputação e atuação da Universidade de Hamburgo.

Hamburgo não pode copiar os demais estados alemães, seguindo a refinada hierarquia da comunidade universitária assentada em uma existência de séculos, que culmina na figura do curador, o qual descende dos círculos de atuação do alto escalão e cuja única tarefa é cuidar do crescimento geral da universidade.

Para isto, porém, quando se trata de novas ideias universitárias, Hamburgo deveria fazer um uso mais livre e despreocupado do seu direito ancestral de *merchant adventurer*, para o qual o risco é o prazer de viver.

Deixe que nos encorajemos com uma consoladora prosperidade, como o jovem Goethe em Estrasburgo, quando encontrou aquele trecho da bíblia no livro de sentenças enviado pelo conselheiro Moritz: “Amplie o lugar da sua tenda e estenda os tapetes de suas habitações, não os poupe. Alongue suas cordas e fixe bem suas estacas. Porque você quebrará para esquerda e para direita” (Isaías, 45: 2-3).

\* \* \*

Por que este artigo foi escrito? Para que não seja dito mais tarde que, à época, não se encontrou ninguém sensato que tivesse dito: tratem com a devida seriedade a questão da partida desse filósofo, que já se mostra um modelo insubstituível graças à sua unidade de humanidade e ciência. É bem *provável* que ele leve o ambiente de Frankfurt a uma frutífera prosperidade, em contrapartida, é *certo* que com a sua “mudança” o corpo docente de Hamburgo, em seu penoso e recente crescimento, experimentaria um abalo crítico.

## Warum Hamburg den Philosophen Cassirer nicht verlieren darf

“Der ordentliche Professor der Philosophie an der Hamburgischen Universität, Professor Dr. Ernst Cassirer hat einen Ruf an die Frankfurter Universität erhalten”.

Diese bei Berufungen übliche Formel wird bei vielen und gebildeten Lesern höchstens die Vorstellung hervorrufen, daß zwei Professoren Unbequemlichkeiten durch Umzug und Wohnungsnot bevorstehen: dem einen, der geht, und dem anderen, der neu herkommt.

Aus dem Kriege nachwirkende Lebensanschauung, begünstigt eine derartig bequeme Auffassungsweise; das unerbittliche: “Vordermann fällt aus”, das nicht danach fragen durfte, inwieweit der Stellvertreter seiner Aufgabe gewachsen sei, klingt halb unbewußt nach.

Wir sind nicht mehr im Kriege. Um so mehr haben wir die Pflicht, Deutschlands wirklichen und geistigen Boden, der unzerstört blieb, weil ihn ein Wall von ungezählten Gefallenen umfriedete, mit der gebotenen Sorgfalt zu bestellen.

Die Schöpfung der Universität Hamburg nach dem Kriege war und ist ein Symptom des Willens zur Wiedergeburt durch geistige Tat, deren Energiequelle kein Vertrag von Versailles verschütten konnte, und der innerpolitische Umschwung in Deutschland darf wenigstens dies als einen Vorzug verbuchen, daß jemand wie Ernst Cassirer durch die Universität Hamburg jene führerschaftliche Verantwortlichkeit empfing, auf die er längst ein Anrecht gehabt hatte.

Lehrer und Studenten der philosophischen Fakultät, soweit sie vom kategorischen Imperativ des interesselosen Suchens nach der Wahrheit kommandiert werden, wissen, was dieser Philosoph für Hamburg bedeutet. Er ist nicht nur der getreue Erbgutverwalter der großen deutschen Denker – Leibniz, Kant, Goethe, Hegel –, sondern hat es auch als Pionier durch Anwendung des ganzen Rüstzeuges des begrifflichen Scheidungsvermögens zuerst gewagt, das Wesen des Symbols als Substrat einer Gesamtphilosophie herauszustellen, die von ihm verlangt, die kaum entwirrbaren Tatsachenreihen aus dem Gebiete des religiösen, sozialen, sprachlichen und künstlerisch gestaltenden Lebens in Vergangenheit und Gegenwart als Funktion überpersönlicher Einheit zusammenzuschauen.



In seiner "Philosophie der symbolischen Formen" wird das Problem in großen klaren Linien umfaßt; in Einzelstudien "Begriffsform im mythischen Denken" (1922), "Sprache und Mythos" (1925), "Individuum und Kosmos in der Philosophie der Renaissance" (1927) wird dieses Urproblem der symbolischen Ursachensetzung ergänzend und erweiternd behandelt. Die letzteren Studien sind im engen Zusammenhang mit der Kulturwissenschaftlichen Bibliothek Warburg entstanden, die das Problem des Symbolischen von anderer Seite her zu erforschen sich zum Ziele gesetzt hat.

Für jeden, der an den Vorstoß-Versuchen dieses Instituts Anteil nimmt, kann es nicht zweifelhaft sein, daß der Weggang Cassirers dieses junge Organ auf das Empfindlichste in seiner Weiterentfaltung beeinträchtigen würde. Ganz abgesehen von der Ermutigung, die durch seine unmittelbare autoritative Gegenwart der Bibliothek zuteil wird, würde durch seinen Fortgang derjenige Teil der Studenten zu leiden haben, die jetzt nach Hamburg kommen und die Wurzel ihres Forschertums in den zwiefachen Boden begrifflicher Scheidungskraft und visuell-kritischer Aufnahme des bildhaften Elements senken wollen. Wenn erhofft werden kann, daß eine spätere Generation begriffliche Logik und phantasiemäßige Ursachensetzung als Funktion *eines* einheitlichen Orientierungsvermögens zu erfassen bereit sein wird, so wäre schon allein aus dieser Hoffnung heraus begründet, daß man unbedingt fordern muß, daß Professor Cassirer auf seinem Posten im Norden verbleibt.

Freilich: Die Musen verleihen denen, die sich ihrem Dienste rückhaltlos widmen, als Gegengabe eine wunderbare Form der Altersversorgung: ein getreuer Ideenverwalter vermag der Vergänglichkeit den Willen und die Fähigkeit zum zeitlosen inneren Wachstum entgegensetzen.

Wenn Professor Cassirer gehen würde, weil er eben glauben müßte, in Frankfurt eine breitere und verständnisvollere Umwelt zu finden, so wird ihm dies kein Kollege vom Ideendienst persönlich verargen, wohl aber Umschau halten, ob Hamburg unserem Professor glaubwürdig dartun kann, daß auch die hanseatische Universität ihn als lebenswichtiges und führendes Organ braucht, dessen weitere persönliche Entfaltung zugleich eine unschätzbare Stärkung des Universitätsgedankens an sich bedeuten würde. Daß die Universität und die Hochschulbehörde ihm bereits auf jede Weise zeigen und zeigen werden, daß man ihn unter keinen Umständen verlieren möchte, ist sicher. Aber auch die vielen Kreise der Gebildeten sollten sich innerlich ein-

mal bei dieser Gelegenheit klar machen, was Professoren, die aus den alten Universitätsstädten kommen, hier fehlen muß: die allgemeine, primitive oder bildungsbewußte Freude an der Universität. Erst wenn der Stadtstaat Hamburg die Universität nach jeder Richtung hin als ein neuentwickeltes Organ der Verständigung nicht nur mit dem übrigen Deutschland, sondern der ganzen denkenden, sprechenden und schreibenden Welt empfindet und ehrt, ist der feste Boden da, auf dem der Ausbau der Universität nicht nur erduldet, sondern freudigem Verantwortungsgefühl bestellt werden würde: jede an sich berechnete Forderung nach weiterer stilgemäßer Entfaltung würde dann nicht zunächst als ein unerfreuliches Ansinnen gelten. Sonst hätte die Universität z. B. schon längst, wie sie selbst es wünscht, die ordentlichen Professuren der Archäologie und der Musikwissenschaft besetzt, deren Fehlen eine Anormalität bedeutet, die die Hamburgische Universität von vornherein in Ansehen und Wirkung schädigt.

Hamburg kann den übrigen deutschen Staaten gewiß nicht die auf jahrhundertelanger Existenz beruhende feine Hierarchie der Universitätsgemeinschaften nachbilden, die in einem Kurator, der den höchsten amtlichen Wirkungskreisen entstammt und dessen alleinige Aufgabe es ist, das allgemeine Wachstum der Universität zu betreuen, gipfelt.

Dafür sollte Hamburg aber neuen Universitäts-Ideen gegenüber von seinem angestammten Recht des *merchant adventurer*, für den Risiko Lebenslust ist, unbefangeneren und freieren Gebrauch machen.

Lassen wir uns, wie der junge Goethe in Straßburg, mit jener Bibelstelle, die er in seinen vom Legationsrat Moritz geschenkten Spruchbuch fand, zu tröstlichem Aufschwung ermutigen: "Mache den Raum Deiner Hütten weit und breite aus die Teppiche Deiner Wohnung, spare seiner nicht. Dehne Deine Seile lang und stecke Deine Nägel fest. Denn Du wirst ausbrechen zur Rechten und zur Linken" (Jesaias 54, Vers 2 bis 3).

\* \* \*

Warum dieser Artikel geschrieben wurde? Damit es später nicht einmal heißt: es fand sich damals kein Warner, der gesagt hätte: behandelt die Frage des Wegganges dieses Philosophen, der schon durch seine Einheitlichkeit von Menschentum und Wissenschaft vorbildlich und unersetzlich ist, mit der gebührenden Ernsthaftigkeit. Es ist sehr wohl *möglich*, daß er

Frankfurt Boden zu fruchtbarem Gedeihen zwingt, *sicher* ist hingegen, daß durch seinen “Umzug” Hamburgs Lehrkörper in seinem mühseligen jungen Wachstum eine bedenkliche Erschütterung erfahren würde.

## Referências

- Cassirer, E. (2004). *Aufsätze und kleine Schriften (1927–1931)*. Hamburg: Meiner.
- Cassirer, E. (2009). *Ausgewählter wissenschaftlicher Briefwechsel*. Hamburg: Meiner.
- Cassirer, T. (2003). *Mein Leben mit Ernst Cassirer*. Hamburg: Meiner. (Publicação original em: 1981).
- McEwan, D. (2004). “*Wanderstrassen der Kultur*”: die Aby Warburg – Fritz Saxl Korrespondenz 1920 bis 1929. Hamburg, München: Dölling und Galitz.
- Warburg, A. (2001). *Tagebuch der Kulturwissenschaftlichen Bibliothek Warburg*. Berlin: Akademie.
- Warburg, A. (2010). *Werke in einem Band*. Berlin: Suhrkamp.
- Warburg, A. (2021). *Briefe: 1886–1929*. 2 vols. Berlin, Boston: De Gruyter.